



ESCRITAS DO “EU”: A CRÔNICA MACHADIANA ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO

SCHNEIDER, Claércio Ivan¹

RESUMO: Um cronista pode ser definido como testemunha de determinado momento histórico? De que maneiras as impressões e comentários de Machado de Assis caracterizam a transição do discurso literário para o jornalístico? A idéia fundamental deste estudo é considerar a crônica machadiana em sua interface com o momento histórico em que foi produzida, na convicção de que este exercício possibilita analisar a diversidade de sensibilidades e de percepções impressas na leitura do homem moderno. O cronista é definido não como alguém que escreve seus textos como “pura” atividade estética, mas que faz deste gênero uma forma de comunicação política com o leitor. A reflexão histórica se torna possível, portanto, desde que se considere o cronista em sua dimensão política, ou seja, como um sujeito que lida, politicamente, com a sensibilidade do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Machado de Assis; História.

ABSTRACT: Can a chronicler be defined as a witness of a certain historical moment? In which ways do the impressions and comments of Machado de Assis characterize the transition from the literary to the journalistic discourse? The essential idea of this study is consider the chronicles by Machado de Assis in its interface with the historical moment in which it was produced, as this exercise enables to analyze the diversity of perceptions printed in the modern man's reading. The chronicler is not defined as somebody that writes its texts as “pure” aesthetic activity, but that does a form of political communication with the reader. The historical reflection is possible, therefore, since the chronicler is considered in its political dimension, that is, as a subject that deals, politically, with the reader's sensitivity.

KEY WORDS: Chronicle; Machado de Assis; History.

“ESCRITA DE SI”, ESCRITA DA CRÔNICA

Diários, correspondências, biografias e crônicas sintetizam, em grande medida, um conjunto de fontes documentais que há muito tempo vem sendo utilizado por historiadores no exercício de investigação histórica. O que caracteriza o atual momento historiográfico e a retomada privilegiada desse *corpus* documental que corresponde à

“escrita de si”, é a consolidação, em diferentes centros de pós-graduação no Brasil, da chamada Nova História Cultural. Resultados da aplicabilidade dessa nova perspectiva teórico-metodológica podem ser vistos no tratamento de novas temáticas, de novos objetos e de novos recortes analíticos que a recente historiografia, preocupada com as subjetividades e com as sensibilidades, pode revelar. A “escrita de si”, portanto, surge como um caminho viável para análises plurais, uma vez que permite adentrar no universo mais íntimo do escritor. Como destaca a historiadora Ângela de Castro Gomes (2004, p. 14) na obra *Escrita de si, escrita da história*,

a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

A subjetividade, como parte integrante da linguagem do escritor, passa a ser referenciada segundo o seu olhar, as suas sensações e experimentações. Estas se tornam referências diretas no trabalho de composição e, num segundo momento, de decifração do escrito. É claro que essa perspectiva historiográfica da Nova História Cultural acaba por estabelecer novos desafios em relação à crítica documental. Neste caso específico da “escrita de si”, a relação do texto (escrito) com o seu autor (escritor) é de fundamental importância metodológica, uma vez que os objetivos e as perspectivas identificam a construção do “eu”.

Neste artigo, especificamente, pretende-se considerar criticamente uma das manifestações da “escrita de si” acima apontada. Busca-se, a partir da análise do cronista Machado de Assis, entender de que forma esse autor percebeu a especificidade de sua arte (crônica) entre a literatura e o jornalismo. Para tanto, procura-se estudar as impressões e os sentidos que Machado de Assis revelou e disseminou a partir de suas crônicas, na tentativa de sistematizar as discussões que esse autor estabeleceu sempre que tratou da relação do jornal, da imprensa, do jornalista e da literatura.

Grosso modo, o histórico da crônica evidencia uma categoria empregada com diferentes acepções, ora ligada à historiografia, ora à literatura e, por fim, diretamente vinculada ao jornalismo. Interessa, especificamente para este artigo, entender a especificidade do gênero “crônica” na modernidade, uma vez que o cronista Machado de Assis escreve segundo as referências de seu tempo.

Assim, na acepção moderna, ou seja, ao longo do século XIX, o conceito de crônica é amplo. A absorção dos ideais do mundo moderno fez com que os cronistas desse século reestruturassem seus textos, buscando incorporar as novas expressões e

características estéticas que pudessem identificar um momento caracterizado por relações sociais mais complexas e fragmentadas. Ou seja, os cronistas do século XIX procuravam entender e registrar a nova ordem social imposta pela sociedade industrializada. Davi Arrigucci Junior (1987, p. 53) destaca esse momento, mostrando que

a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e seus espaços periféricos [...].

O Romantismo se torna uma referência-chave desse momento, o que implica uma atmosfera de valorização dos códigos literários. Assim, a crônica passa a ser revestida de sentido literário, mostrando a emergência, na escrita do cronista, da imaginação, da infidelidade à razão, da preocupação com a enunciação, questões estas que ligam os cronistas à literatura. Com o Romantismo, o conceito de “crônica” sofre modificações e passa a ser concebida como sinônimo de “gênero literário”. A maior liberdade estética do cronista e a preocupação com a construção verbal evidenciam esse momento de transformação. Wellington Pereira (2004, p. 33), autor da obra *Crônica: a arte do útil e do fútil*, pontua essa observação:

Com o advento do Romantismo, em 1836, o conceito de “crônica” sofreu várias modificações. Dessa vez, a mudança não se deu em nível estético do exercício da crônica. A variação conceitual dar-se-á a partir da relação que estes textos mantêm com um espaço determinado para sua veiculação nos jornais, que obedecerá ao único critério para publicação: a periodicidade. Este espaço será denominado de rodapé (como o próprio nome indica: ao pé da página), no qual são publicados textos literários ou não. É no rodapé, já no século XIX, que a crônica passa a ser redefinida. Mas alguns estudiosos ou mesmo os escritores que a praticavam confundem-na, ainda mais, como o espaço jornalístico, passando a denominá-la, também, folhetim, pelo simples fato de ambos serem publicados em rodapés.

A crônica passa a ser compreendida como sinônimo de folhetim. O folhetim, nesse ponto, “nada mais é do que uma miscelânea de artigos, crítica literária ou resenhas, que ocuparão um espaço predeterminado nos jornais” (PEREIRA, 2004, p. 35). Nesse momento, ou seja, século XIX, o folhetim adquire o significado contestador, usado, em grande medida, pela burguesia que encontra na imprensa espaço ideal para a crítica aos valores aristocráticos ou para exercitar a comercialização de bens culturais. É o próprio Machado de Assis (*Obra completa*, V. III, 1994, p. 959), ainda no início de sua atividade de cronista, ou seja, com vinte

anos, que, com o entusiasmo de um iniciante, destaca a origem da crônica na modernidade e sua difusão para outros lugares. Segundo ele,

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive ao seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal. Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. Se têm conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas. Mas comecemos por definir a nova entidade literária. O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. (ASSIS, 1994, p. 959).

Machado de Assis, nesse fragmento de um artigo publicado em 1859, revela a consciência da especificidade da “nova entidade literária” que nasce com o jornal: o folhetim. Na verdade, como outras modas literárias, o folhetim nasceu na França e se difundiu, com força, para diferentes regiões do mundo, numa espécie de imitação da arte européia. Machado estabelece uma distinção clara entre o folhetim, que nasceu do jornal, e o folhetinista, que nasceu do jornalista. O folhetim – entendido, inicialmente, como uma seção literária de uma gazeta ou um fragmento de romance publicado em um jornal periódico – e o folhetinista – entendido como jornalista – apresentam afinidades que, pouco a pouco, caracterizam a especificidade do gênero crônica. De forma geral, o folhetinista era um literato que dominava as regras literárias e que compreendia a dimensão do espaço jornalístico. Assim, o folhetim representava uma forma particular de narrar os acontecimentos do dia-a-dia, pressupondo um leitor inserido numa sociedade em fase de industrialização, o que transformava o jornal em um espaço de crítica e de reflexão. O então jovem Machado de Assis chega a duvidar da originalidade que a crônica, travestida em folhetim, teria no contexto brasileiro, tese esta derrubada por ele mesmo na maturidade. Segundo ele,

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções, tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. Entretanto, como todas as

dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a estas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa. (ASSIS, 1994, p. 959-960).

Soa estranha essa afirmação de Machado sobre a pouca “cor nacional” de tal gênero entre nós. Estranho, porque a crônica é, reconhecidamente, considerada um gênero que, crescendo de importância, assumiu personalidade literária com características próprias e de cor nacional cada vez maior. Talvez a resposta a essa afirmativa machadiana seja a sua repugnância à cópia, procedimento tão característico dos intelectuais brasileiros. No entanto, a cor nacional que o jovem articulista proclama, vai aparecendo em praticamente todas as suas crônicas, derrubando a sua tese inicial. Além disso, os anos posteriores à atuação de Machado delegaram aos cronistas a importância que ainda não tinham conquistado no século XIX. Importância esta evidenciada no que os críticos identificam como aclimatação da crônica nos trópicos.

Muitos autores apontam para o caráter *sui generis* da crônica no Brasil, identificando-a como uma expressão literária tipicamente brasileira ou um produto genuinamente carioca. Tal conotação se deve à simbiose que a crônica passa a ter com a literatura e com o jornalismo, identificando-se como prosa poética, humor lírico, fantasia etc. De forma geral, a crônica, como gênero, apresenta especificidades, principalmente em se tratando de sua versão moderna – da qual Machado é um ilustre praticante. Nas palavras de Antonio Candido (1992, p. 14),

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra. Esse caráter da crônica se deve ao fato de ela não ter pretensões de durabilidade. Dessa forma, o cronista age de maneira mais “solta” e “leviana”, examinando os acontecimentos pelo ângulo subjetivo da interpretação. Eis a liberdade do cronista. No caso de Machado de Assis, a crônica ajuda, como destacou Antonio Candido, a contemplar e a restabelecer reflexões acerca da dimensão humana. Ou seja, o mergulho crítico na essência das coisas, a contemplação da verdade e o avanço para o fundo da existência humana são aspectos do olhar “trágico” que Machado de Assis manifestou em suas crônicas e que revela muito de si próprio.

Para o bom entendimento da crônica, no entanto, é mister estabelecer uma

reflexão acerca do jornal. Veículo de informação e de cultura, é nele que se pode encontrar o registro das ocorrências diárias que passa a ser matéria de referência e de crítica dos cronistas. Massaud Moisés, na obra *A criação literária* (2005), argumenta acerca das ambigüidades que envolvem a produção da crônica no espaço jornalístico:

Ambígua, duma ambigüidade irredutível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu humor permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (MASSAUD MOISÉS, 2005, p. 104).

Moisés aponta para a oscilação da crônica entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal e a recriação poética. Neste caso, a crônica, para além do seu caráter informacional, representa um produto da fantasia criadora, mesclando-se com ingredientes literários que podem ser percebidos, principalmente, no humor. Se pautada exclusivamente no tom de reportagem, de história presente ou de resposta imediata ao acontecimento, a crônica dura o espaço do jornal, uma vez que se identifica com a matéria jornalística. No entanto, se predominam elementos literários, apontando para a universalidade das questões mundanas, a crônica tem uma durabilidade e uma atualidade constante. Este último aspecto pode ser exemplificado quando a crônica passa a ser publicada em livro – e as crônicas de Machado apresentam esse sentido –, almejando resistir à erosão do tempo exatamente por ostentar méritos literários. Mas esses são casos específicos. Em grande medida, a crônica é, por natureza, uma estrutura limitada exteriormente e interiormente, jamais rompendo sua estreita vinculação com o jornal. Isso ocorre, fundamentalmente, porque a crônica encontra no jornal sua guarida, uma vez que é escrita no e para o jornal, e depende do dia-a-dia e da memória do escritor.

Nessa especificidade que confere à crônica o caráter ambíguo – “o meio termo entre acontecimento e lirismo parece o lugar ideal da crônica” (MOISÉS, 2005, p. 115) –, as suas características correspondem à brevidade do texto (geralmente de meia coluna de jornal) e à subjetividade do escritor. Esse último aspecto é percebido na visão pessoal que o cronista imprime ao seu registro, estabelecendo um diálogo com o leitor. Como destaca Massaud Moisés (2005, p. 116), “a impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua

visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo”. A linguagem ou o estilo, nesse sentido, parece ser determinante no hibridismo da crônica – direta, espontânea, jornalística, lírica etc. O estilo do cronista, portanto, é o que o diferencia do jornalista ou do repórter. “Pelo estilo ágil, simples e poético, atrai o leitor, assim distinguindo-se da massa tipográfica que enche as colunas de um jornal. Desse modo, a crônica morre daquilo em que se nutre: o estilo, que lhe dá vigor e sustentáculo, injeta-lhe ao mesmo tempo o veneno letal” (MOISÉS, 2005, p. 118). A crônica morre, assim, pelo estilo de consumo fácil, imediato. Daí o estilo pautado na oralidade e na referência aos temas do cotidiano, mas tratados com um filosofismo que faz o acontecimento transcender.

A crônica, desse modo, enquanto registro dos acontecimentos cotidianos de uma dada temporalidade, só pode ser entendida ou decifrada em seu contexto de produção. No entanto, a subjetividade do escritor, seu filosofismo, seu estilo literário e sua posição questionadora, podem, a exemplo de Machado de Assis, apontar para aquilo que alguns críticos identificam de atual em suas crônicas. Ponderar sobre o presente, mesmo que singular, fazendo uso dos elementos literários e filosóficos, garante à crônica um caráter universal, principalmente se centrada em desnudar a condição do homem em sociedade. Talvez seja esta a face mais subjetiva do registro do cronista, na qual os elementos propriamente pessoais – os juízos de valor do autor – acabam por modelar as impressões e conclusões acerca do seu cotidiano. É na percepção de sua arte e do seu espaço de publicação, que Machado se revela. A materialidade do texto crônica, portanto, exhibe as marcas do tempo, do jornal e, principalmente, do cronista em seus sentimentos mais íntimos, tornando-o homem de seu tempo e de seu país.

JORNAL: ESCRITA DA CRÔNICA, ESCRITA DO “EU”

O cronista pode ser considerado um “artista” no espaço jornalístico. Isto porque o seu talento não está propriamente submetido à capacidade de informar, mas de construir um universo de significados na interpretação dos fatos cotidianos. A palavra, nesse ponto, é talhada esteticamente, construindo, no caso machadiano, uma conotação emotiva da linguagem, uma vez que provoca a sensibilidade e a crítica do leitor. O cronista Machado de Assis tinha consciência disso. Estabelece, com a palavra, uma relação de cumplicidade com o leitor, com o objetivo de provocar a discussão. Em texto intitulado *A reforma pelo jornal*, de outubro de 1859, o escritor deixa claro sua percepção da prática jornalística como manifestação política:

A história é a crônica da palavra. [...] A história não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro. Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão. E o que é a discussão? A sentença de morte de todo *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigla e sinuosa da sociedade. (ASSIS, 1994, p. 963-64).

A relação da palavra “esculpida no jornal” é que provoca a discussão. Talvez essa seja uma das principais inovações do jornal, seu cunho mais vivo e que pode desequilibrar a organização da sociedade, que pode reformá-la. A originalidade da crônica machadiana – discutida por inúmeros estudiosos desse autor – evidencia uma arte que pressupõe o diálogo e a discussão constante com o leitor. A derrocada das aparências se torna um dos principais objetivos de Machado, no intuito de provocar a crítica do que se tem por natural e imutável. Nesse ponto, instituir a dúvida da sua própria argumentação, de seu registro, sintetiza essa forma interrogativa de perceber os fatos ou os acontecimentos cotidianos. Em crônica publicada em *A Semana*, em 1877, Machado de Assis busca estabelecer uma distinção entre a crônica jornalística e a histórica, apontando os limites tênues entre a história e a ficção.

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias. E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi. (ASSIS, 1994, pp. 361-362).

A dúvida parece ser um componente marcante no registro dos fatos impressos por Machado de Assis. O dilema entre ser um historiador e um contador de histórias não repercute na opção de um pelo outro, uma vez que a semelhança entre eles, na prática, não apresenta grandes diferenças. Isso porque a dúvida da

realidade, a dúvida dos atos, da interpretação dos acontecimentos faz do cronista uma mistura de contador de histórias e de historiador. Mais importante do que esta questão de estética e de perspectiva narrativa, é a importância que a imprensa-jornal passa a sintetizar enquanto *literatura quotidiana*. Isso pode ser exemplificado no que Machado entende como sendo o papel do jornal na sociedade. No artigo publicado em 1859, intitulado *O jornal e o livro*, Machado de Assis evidencia a convicção da superioridade do jornal em detrimento do livro. Segundo ele,

O jornal, *literatura quotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana. O livro não está decerto nestas condições; - há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é - movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. [...] Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. (ASSIS, 1994, p. 946).

Machado, nesse exercício de diferenciação dos papéis desempenhados pelo livro e pelo jornal na sociedade, ressalta a importância da emergência do jornal para a reprodução do "espírito do povo". O otimismo machadiano com relação ao significado social do jornal é evidente. Cronista por mais de 40 anos, Machado pôde assistir ao impulso desse meio impresso que se transformou em um canal privilegiado de tratamento dos eventos sociais e que acompanhou e registrou a ascensão de uma burguesia e de suas concepções ideológicas, rompendo com as formas tradicionais. O jornal, a partir do final do século XIX, não se constitui num veículo apenas de informação. A fantasia e as novas formas de lazer noticiadas apontam para a formação de um jornal mais plural, em que a crônica se transforma em um exercício não apenas literário, mas de informação, de opinião e de crítica. Revolucionária e democrática: duas das principais impressões de Machado de Assis sobre esse novo veículo de informação.

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções. O jornal apareceu, trazendo em si o germen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da

humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social. Quem poderá marcar todas as conseqüências desta revolução?. (ASSIS, 1994, p. 947).

A "revolução" literária da qual Machado de Assis se refere quando caracteriza a emergência do jornal no cotidiano carioca pode ser entendida pela inexistência de uma linguagem independente, autônoma, do jornal. Ou seja, o jornal ainda depende dos gêneros literários e de escritores essencialmente literatos, realidade esta que passa a se transformar gradativamente à medida que a imprensa assume ares de empresa. A escrita da crônica, inclusive, passa a ser um canal de entrada de escritores estreantes que vão garantir a esse gênero uma autonomia estética. Assim, grande parte dos cronistas do final do XIX alimentava seus discursos com uma forte carga estética literária para ornamentar suas opiniões das notícias veiculadas.

O jornal passa a ser sinônimo de liberdade e de democracia. Evidencia a derrocada do absolutismo e a emergência da república do pensamento. A imprensa-jornal caracteriza um momento único do que Machado identifica como "época de ouro", onde as novas idéias e a discussão fecundam um sintoma de democracia. O cronista Machado parece preocupado em redimensionar o jornal enquanto veículo formador de opinião, apontando para o caráter de instaurador de novas formas de organização social. Essa autonomia que Machado presta ao jornal pode ser entendida como uma maneira que o cronista busca para se firmar no espaço jornalístico na condição de narrador que mostra aos seus leitores os novos significados sociais da modernidade carioca de seu tempo.

Quem enxergasse na minha idéia uma idolatria pelo jornal teria concebido uma convicção parva. Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade. [...] Este desenvolvimento da imprensa-jornal é um sintoma, é uma aurora dessa época de ouro. O talento sobe à tribuna comum; a indústria eleva-se à altura de instituição; e o titão popular, sacudindo por toda a parte os princípios inveterados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos. É a luz de uma aurora fecunda que se derrama pelo horizonte. Preparar a humanidade para saudar o sol que vai nascer, - eis a obra das civilizações modernas. (ASSIS, 1994, p. 948).

Machado de Assis vai ainda mais longe na sua argumentação em defesa da imprensa-jornal. Antevê a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal. Justifica essa percepção pelo caráter democrático apresentado pelo jornal, que sintetizaria uma obra civilizatória da humanidade que tem voz no jornal. Machado de Assis,

em sua trajetória de cronista, vivenciou a transformação não apenas do jornal, mas também da imprensa. A superação da fase artesanal – da imprensa sem jornalismo, onde o que interessa é o discurso institucional – até a consolidação da comercialização das informações, marca um momento de instauração da burguesia no Brasil. Ávida por novas possibilidades econômicas e culturais, a incipiente burguesia brasileira busca na modernidade um ideal de civilidade. A modernidade é representada pelo jornal e busca agregar uma nova massa de leitores, noticiando e opinando a respeito das diferenças sociais que se acentuam com a nova estrutura social. No entanto, como informa Wellington Pereira (2004, p. 62), o “discurso que predomina nos jornais é bacharelesco, e as impropriedades verbais refletem uma certa pretensão de transformar os elementos da oratória na palavra impressa, deixando a grande maioria dos leitores sem poder compreender o conteúdo das opiniões veiculadas”.

Pereira aponta para uma característica predominante ao longo do século XIX: a confusão entre texto literário e texto jornalístico. O exercício da opinião, nesse sentido, aparece submetido aos princípios estilísticos dos escritores-jornalistas. Resultado disso pode ser percebido na forte carga emotiva dos narradores sempre que buscam informar ou opinar os fatos sociais. É nessa ambigüidade entre jornalismo e literatura, portanto, que se situam o cronista e a crônica.

Machado de Assis, nesse sentido, pode ser tomado como exemplo de narrador que instaura uma nova relação entre os escritos jornalísticos e a literatura, obtendo, a partir do exercício da crônica, autonomia estética. É no diálogo que estabelece com o leitor e na relação crítica que mantém com a imprensa de sua época que se pode mapear a originalidade machadiana. Assim, pensa-se o cronista não como alguém que produz crônicas como “pura” atividade estética, mas que faz desse gênero uma forma de comunicação política com o leitor. A reflexão histórica sobre a “escrita de si”, nesse ponto, torna-se possível desde que se considere o cronista em sua dimensão política, ou seja, como um sujeito que lida, politicamente, com a sensibilidade do leitor. Talvez pelo grau de subjetividade e de crítica incorporadas às suas afirmações, serve-se dos fatos cotidianos (do ridículo de cada dia, da arte da desconversa, do quadro de costumes etc.) para superá-los.

A crônica machadiana pressupõe um leitor informado, que leu as notícias da semana e que saboreia seus comentários. A leitura da crônica, portanto, deve ser entendida, em muitos momentos, como uma segunda leitura. Nesse ponto, a crônica machadiana se destaca pela particularidade com que o escritor elege e trata o fato real. Expressa a crítica e, para tanto, faz uso do ficcional para retratar o real de uma forma singular, permeado pela subjetividade cética, irônica, mas não menos crítica, que lhe foi característica. A questão da atualidade das crônicas machadianas

pode ser melhor compreendida quando se dá atenção ao seu estilo e às figuras de linguagem de que se utiliza. Destaca-se o humor, a espiritualidade, a ironia, o ceticismo, apenas para citar algumas que caracterizam sua maneira de narrar os acontecimentos. Figuras estas que tornam o discurso machadiano ambíguo, cuja dúvida embutida nas entrelinhas constitui outra marca inegável deste autor.

Vai de uma coisa aqui para outra acolá, passa do particular para o geral, volta do abstrato ao concreto, desliza do atual para o clássico, galga do pequeno para o grandioso e volta do vultoso para o microscópio, passa do real para o imaginário, e do imaginário para o onírico, às vezes numa progressão geométrica vertiginosa, outras vezes com um cômico aparato lógico, para rir-se da lógica, ou para mostrar que existe efetivamente uma esquisita lógica entre as coisas que o vulgar julga distantes e desconexas. E é nesse processo de ilações conectadas pelo riso, que é uma forma de contemplação, ou uma espécie de metafísica prática, que consiste principalmente a técnica da composição machadiana. (CORÇÃO, 1994, p. 327).

Para além das particularidades “metodológicas” da escrita machadiana — de seus aparatos retóricos —, o que importa destacar é o seu interesse pela apreensão do fato cotidiano, “desimportante” como ação, mas que é capaz de conferir uma série de significados às transformações urbanas e às relações sociais do Rio de Janeiro do final do século XIX. Seja qual for o caráter da composição da crônica de Machado, o diálogo com seu tempo auscultou os principais conceitos em voga, sejam eles oficiais ou não. Mais importante: “a obra machadiana de muito se beneficiou desse texto transacional que é a crônica, pois valeu-se dela como campo de provas para toda a espécie de experimentação dos limites do narrar” (BRAYNER, 1992, p. 414).

É a partir do diálogo constante entre cronista, imprensa, leitor e ambiente social que se pode investigar os elementos que compõem uma escrita não apenas de referência social, mas, principalmente, uma “escrita de si”, revelando as angústias, as incertezas, o ceticismo para com as conquistas econômicas e transformações políticas, que fizeram de Machado de Assis um cronista singular na história brasileira. Nesse sentido, compreender a historicidade de suas representações e o modo pelo qual foram produzidas à luz de seu contexto são questões fundamentais para avaliar a leitura cotidiana que Machado fez de sua cidade e de suas personagens. Assim, como destaca Wellington Pereira (2004, p. 93),

Machado de Assis consegue instaurar uma autonomia estética no espaço jornalístico, à medida que reescreve os referentes inscritos, de forma linear, no texto do jornal impresso. Isto, no jornalismo do século XIX, pode ser visto em duas etapas: a) a crônica se inscreve num espaço textual, cuja concepção estética e espaço gráfico abrigam a noção

de folhetim; b) o cronista se inscreve, entre as fronteiras do jornalismo opinativo e da literatura, buscando um equilíbrio narrativo para atingir um público semi-alfabetizado.

A autonomia estética de Machado de Assis corresponde à sua maturidade lingüística. Ou seja, romancista, poeta, teatrólogo e crítico literário, esse escritor fez uso de recursos estilísticos variados na arte de narrar, emprestando um novo ritmo aos fatos enunciados em suas crônicas. O caráter opinativo não é o que se sobressai em sua narrativa, mas sim o de reflexão. Nesse sentido, o cronista não anuncia apenas os fatos e as novidades da semana, mas analisa-as de forma crítica para provocar a discussão com o leitor e promover, desse modo, a leitura das contradições socioculturais que a modernidade brasileira apresentava. Assim, “a crônica machadiana é tecida entre o útil e o fútil, mas se constitui de arte, porque conjuga procedimentos estéticos diferenciados da linguagem jornalística do século XIX” (PEREIRA, 2004, p. III-II2).

NOTAS

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bolsista Capes.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. História de 15 dias. 15 de março de 1877. In: _____. *Obra completa*, v. III. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994, p. 361-362.

BRAYNER, Sônia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CORÇÃO, Gustavo. Machado de Assis cronista. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso*. Salvador, BA: Calandra, 2004.